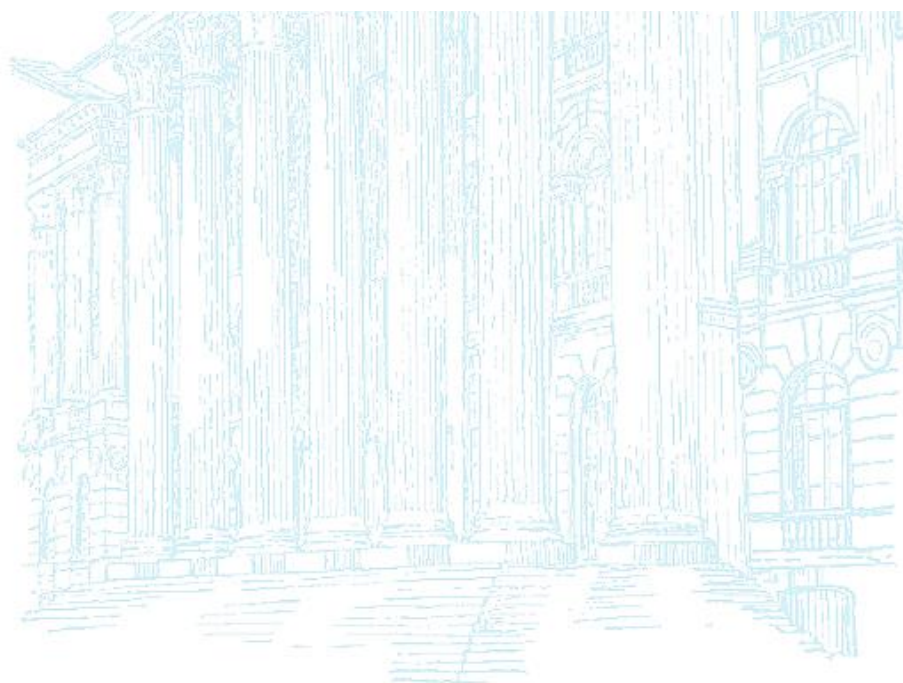


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HEROS RODRIGUES DE MORAIS



A ESCOLA PRECISA DE UMA PEDAGOGIA QUEER?



SÃO PAULO

2016

HEROS RODRIGUES DE MORAIS

A ESCOLA PRECISA DE UMA PEDAGOGIA *QUEER*?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Christopher Smith Bignardi Neves

São Paulo

2016

A ESCOLA PRECISA DE UMA PEDAGOGIA *QUEER*?

Heros Rodrigues de Moraes¹; Christopher Smith Bignardi Neves²

¹ Professor da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e da Secretaria Estadual de educação de São Paulo; E-mail: herosmoraais@ig.com.br

² Graduado em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e em Questão Social. Atua como coordenador pedagógico na Prefeitura Municipal de Paranaguá e como professor formador na UFPR; E-mail: smithbig@hotmail.com

Resumo: A busca por uma educação que contemple a diversidade e comporte as diferenças de gênero e sexualidade parte da formulação de uma concepção de educação menos conservadora e mais crítica a acerca das novas realidades. Os formatos e abordagens pedagógicas são pautados em padrões, normas, dogmas e regras que a pedagogia *Queer* busca questionar. Entender a escola como espaço de questionamento dos formatos e como responsável por consolidar os estereótipos de certo e errado, daquilo que é recomendado como normal comum e fazê-la discutir aquilo que é desviante disso, tem sido um dos objetivos dessa pedagogia. Ela se recusa aceitar a heteronormatização compulsória como via única e legítima de comportamento e conduta, pois restringi e não comporta parte da sociedade que vem ocupando cada vez mais espaço e visibilidade. Este artigo busca apresentar novas visões sobre tudo isso.

Palavras-chave: Pedagogia; professor; *Queer*

Abstract: The search for an education that addresses the diversity and bearing the gender and sexuality differences of the formulation of a conception of education less conservative and more critical about the new realities. Formats and pedagogical approaches are guided by standards, norms, dogmas and rules that aims to question *Queer* pedagogy. Understand the school as a space for questioning and formats as responsible for consolidating the stereotypes right and wrong, of what is recommended as normal or common and make it discuss what is deviant addition, it has been one of the objectives of this pedagogy. She refuses to accept the compulsory heteronormativity as the sole and legitimate way of behavior and conduct as restricting and does not contain part of society that is occupying more and more space and visibility. This article seeks to present new views on all this.

Keywords: Pedagogy; Teacher; *Queer*.

INTRODUÇÃO

Atualmente as escolas brasileiras têm perpetuado formatos pedagógicos que não contemplam os indivíduos nas suas particularidades e fazem o agrupamento com base em pesquisas acadêmicas que melhor produzam comportamentos normatizados e quantitativos. Assim os indivíduos ao adentrarem as escolas, precisam se ajustar as regras, normas, formatos, padrões e sistemas que lhe dê sentido e pertencimento naquele espaço.

Considerando esses fatores, o estudo, a implantação e a discussão da Pedagogia *Queer* faz-se necessária por abarcar as características que visem desconstruir essas normativas, priorizando as individualidades também no que diga respeito às características de gênero, diversidade sexual e etnias.

A teoria *queer*, por exemplo, se consolida como corrente intelectual, tendo como uma das fontes filosóficas principais as reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade. Outras de suas fontes importantes foram os trabalhos sobre gênero de Judith Butler e as pesquisas de Eve Sedgwick, pensadoras que interpretam a homossexualidade e a heterossexualidade como construções históricas e sociais, logo, como noções que podem e devem ser repensadas e modificadas. (NINO e PIVA, 2013, p. 501)

Estudar e divulgar uma proposta educacional inovadora faz-se necessária para que novos formadores apliquem princípios e metodologias que atendam todos os tipos de alunos, por meio de processos pedagógicos inclusivos. O estudo do tema é necessário para que se construam conhecimento que fundamente essas práticas, além de propor uma educação que possibilite mudanças em professores e alunos pertencentes ao mesmo estado social.

A pesquisa da pedagogia *queer* e sua efetivação nas escolas é um desejo dos insatisfeitos com a escola atual, que molda os corpos e mentes dos alunos, e de seus corpos docente, que propaga a produção de maneira involuntária e inconsciente. Abordar a pedagogia *queer* é fugir das armadilhas e montar outras, é sair das definições do que é ser homem e mulher, é fugir da padronização da sexualidade, que ajusta todos ao modelo heterossexual, concebendo todos os sujeitos com um desejo único (o sexo oposto). Concebe-se a escola com um espaço que instrui crianças e jovens para um único

caminho, caminho este tido como o único a ser percorrido, o caminho correto, e aquele que foge é punido, pois segue algo errado e proibido. Essa escola propaga a homogeneidade, enquanto que a pedagogia *queer* busca a heterogeneidade das ações.

A resistência de grupos diminuídos e estigmatizados faz com que tenhamos que reconhecer sua existência, bem como aceita-las de maneira natural, como as devem ser. A escola é então um espaço não apenas de propagar o conhecimento acumulado, mas também é um ambiente cultural e político, desta forma acredita-se que a escola é um espaço de lutas, resistências, embates, contradições, afrontas, etc.. Assim, a discussão das relações de gênero e poder permeiam as salas de aula, e devem possibilitar novos significados para o homem e a mulher.

O termo *queer*, em inglês, além de ser usado como insulto aos gays e lésbicas, refere-se ao que é estranho, excêntrico, diferente, incomum. A teoria que se apropria deste termo como forma de contestação surge em meados dos anos 1980, como parte dos Estudos Gays e Lésbicos de forma a levar ao limite o questionamento sobre a estabilidade de identidades e a heterossexualidade. A obra que marca este surgimento é de “Between Men”, de Eve Sedgwick. Neste livro, Sedgwick afirma que a sociedade está baseada na heterossexualidade compulsória (obrigação de ser heterossexual) e na heteronormatividade (todas as relações amorosas/sexuais com referência no casal reprodutivo heterossexual). (FRAGELLI, 2008, p. 42)

OBJETIVO GERAL

Por ser tratar de uma temática recente e muitas ideias ainda estarem no campo das ideias, faz-se necessária uma pesquisa sobre as produções acadêmicas e na literatura o que já existe sistematizado sobre Pedagogia *Queer*- para oportunizar uma educação de gênero e diversidade sexual e quais ações, mesmo que timidamente, veem sendo implantadas nas redes educacionais e outras formas possíveis de se trabalhar nas escolas públicas do país.

Apresentar conceitos, ideias - a partir da literatura acadêmica existente, bem como algumas práticas para atender necessidade de trabalhar junto aos currículos escolares as questões de gênero e diversidade sexual em sala de

aula, a fim de abarcar os diferentes públicos das escolas brasileiras. Dentre esses, apontar metodologia que viabilizem e possibilitem aulas, propor discussões, relacionar práticas e projetos que contemplem questões como orientação sexual, identidade de gênero, movimentos sociais e formação de professores para uma escola democrática e inclusiva.

METODOLOGIA

Nas busca por resultados para atender aos subsídios necessários para implantação e discussão de uma Pedagogia *Queer* o trabalho será direcionado às leituras que busquem resultados qualitativos dos materiais estudados. Por meio da revisão bibliográfica indicada no recorte de atividades, projetos e atividades que se baseiem em uma pedagogia mais inclusiva sobre gênero, diversidade sexual e etnia.

Quanto as fontes de informação foram usadas livros e artigos acadêmicos como linha teórica para o estudo. Nelas serão focado aquilo que se destaca para contemplar a pesquisa sugerida sobre Pedagogia *Queer*, revisando a literatura existente e já firmada. Os procedimentos de coleta se pautam nas publicações e divulgações acadêmicas de revistas científicas e aquelas que se utilizam de fundamentação necessária.

Sendo a abordagem qualitativa, pretende-se verificar as relações existentes entre o que já existe e o objeto de estudo, bem como as possíveis interpretações e análises possíveis de serem elencadas com a finalidade de ofertar materiais que busquem inspirar novas práticas. Dentre as estratégias as serem usadas para esse fim, destaca-se o uso de um texto descritivo que busque oferecer alternativas para as complexidades do problema de maneira a sistematizar ideias, conceitos e métodos que auxiliem o objetivo da pesquisa.

Por fim, usar os dados encontrados para comparar os dados empíricos e aqueles constatados com a revisão da literatura, unindo-os para fundamentar e embasar algumas sugestões de atividades para situações específicas, mesmo que de forma simbólica.

POR QUE UMA PEDAGOGIA *QUEER*?

A busca por uma educação que contemple a diversidade e comporte as diferenças de gênero parte da formulação de uma concepção de educação menos conservadora e mais crítica acerca das novas realidades. Os formatos e abordagens pedagógicas são pautados em padrões, normas, dogmas e regras que a pedagogia *Queer* busca questionar. Conforme nos ensina Nino e Piva (2013) há novas propostas de ensino que corrobora para novas práxis, que contemple os mais variados desejos, inclusive os sexuais, todos em um currículo, desta forma a teoria *queer* seria uma “ferramenta teórica e política de emancipação efetiva dos anormais da sociedade heteronormativa” (NINO e PIVA, 2013, p. 504). E mais:

A pedagogia *queer* foca o processo educacional nas questões de gênero e sexualidade, mas inova ao incluir sujeitos não normativos nessa perspectiva e rechaçar uma visão binária de poder, conhecimento, sexualidade e gênero. *Queer* é uma teoria e uma política pós-indenitárias, causada pelas novas demandas do movimento LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), influenciada por análises sobre a crise da Aids nos EUA dos anos 80 e pelas teorias pós-estruturalistas de Foucault e Derrida (Louro, 2001; Talburt; Steinberg, 2007) (RODRIGUES p.740).

Entender a escola como espaço de questionamento dos formatos e como responsável por consolidar os estereótipos de certo e errado, daquilo que é recomendado como normal ou comum e faze-la discutir aquilo que é desviante disso, tem sido um dos objetivos dessa pedagogia. Ela se recusa aceitar a heteronormatização compulsória como via única e legítima de comportamento e conduta, pois restringi e não comporta parte da sociedade que vem ocupando cada vez mais espaço e visibilidade e participando das relações de poder que se estabelecem nesse terreno.

Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades (LOURO, 2001, p. 550).

Uma dessas ideias é não conceituar as minorias como inferiores, mas sim como as menos ouvidas e muito silenciadas dentro das escolas e demais projetos de educação. Não se contempla aquilo que subverte, que contesta,

que burla, que questiona, que duvida, que estremece as verdades absolutas construídas ao longo dos séculos e que vem sendo questionadas desde metade do século XX iniciado pelos Movimentos Negros, Populares, LGBT, entre outros.

Para melhor entender essa teoria, temos também aqui de recorrer à história, mais exatamente à segunda metade do século XX, época em que ocorre o nascimento de novos movimentos sociais, como o movimento pelos direitos civis dos negros do sul dos Estados Unidos, a segunda onda do movimento feminista e o movimento homossexual. Esses movimentos reivindicavam fundamentalmente dignidade e respeito da sociedade. Com isso revelaram que a sociedade burguesa era muito mais ampla e complexa do que a velha distinção sociológica e marxista entre burgueses e proletários. Em outras palavras, esses movimentos mostraram que a desigualdade ia muito além das injustiças econômicas e de classes (NINO e PIVA, 2013, p. 502).

Pelas lutas e inclusões de temas como gêneros, cultura, economia e etnia dentro dos currículos escolares e que vem se consolidando um novo formato que também não busca ser rígido, determinantemente e como única ferramenta de mudança de paradigmas. Fragelli (2008) no remete o conceito de que a pedagogia *queer* contribui para formar um sujeito sem seguir um modelo ideal, pois o sujeito da pedagogia *queer* é por si incompleto, logo, a pedagogia *queer* não pretende ter objetivos e propostas estáticas, bem como não estabelece um currículo que induza o sujeito a ações adequadas, dessa forma, nada mais é do que uma pedagogia que não se engessa, não se enquadra, não estipula mente e corpos, mas sim uma práxis para transgredir as formas estipuladas de se agir e pensar.

“‘falam’ a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconheçam nessa posição-de-sujeito, sujeitos *queer*. Tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização, a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência.” (LOURO, 2004, p. 52).

As escolas com uma proposta pedagógica *Queer* tem por princípio ampliar as possibilidades de ser e de viver das pessoas a longo do seu contato com o mundo e modificar o que está posto. Nela, busca-se desestabilizar as certezas para que se entenda que as diferentes identidades se constroem socialmente e que há uma necessidade de colocar nos currículos escolares esses saberes e vivências.

À primeira vista, pode parecer remota a relação entre a cultura popular e a pedagogia aplicada à sala de aula. A cultura popular é organizada em torno do prazer e da diversão, enquanto a pedagógica é definida principalmente em termos instrumentais. A cultura popular situa-se no terreno do cotidiano, ao passo que a pedagógica geralmente legitima e transmite linguagem, os códigos e os valores da cultura dominante. A cultura popular é apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências, enquanto a pedagógica valida vozes do mundo adulto, bem como o mundo dos professores e administradores de escolas (MOREIRA e SILVA, 2001, p. 96).

Transformar essas ideias em ações tem sido o desafio daqueles que entendem a educação como veículo que legitima e constata aquilo que deve ser seguida e respeitada. Sobre essa ideia Silva (1999) afirma que:

...tal como o feminismo, a teoria *queer* efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria *queer* quer nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também "diferente") e não *straight* (heterossexual, mas também "quadrado"): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. (...) O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (SILVA, 1999, p.107)

Considerando as ações pautadas em referenciais institucionais, professores e professoras devem valer-se desses referenciais para sustentar e possibilitar subversões que incluam, legitimem e deem visibilidade aos grupos não previstos.

Algumas dessas ações são orientadas pelos Parâmetros curriculares Nacionais para o tema Orientação Sexual, elaborado pelo Ministério da Educação nos idos de 1998. A escola deve ter como parte do seu currículo a promoção de experiências, bem como abarcar as experiências já vividas pelos seus alunos, busca-se dessa forma o pleno desenvolvimento do conhecimento. A escola tem significância na sociedade, e deve desenvolver atividades ligadas à saúde, à sexualidade, ao bem estar, ao prazer, fazendo com que os alunos percebam a diversidade que é a humanidade (BRASIL, 1998).

É a partir da vivência das crianças e jovens, no ambiente familiar e escolar, que se desenvolve o conceito de ser menino e ser menina, identificando seu corpo e seu gênero. A escola deve então entender que a diferença dos sexos, não deva ser a prioridade ou a exclusividade do assunto,

mas também ressignificar o que é ser homem e mulher na sociedade, para isso a escola deve adentrar no campo das orientações sexuais, destituída de preconceitos e dogmas (principalmente os de cunho religiosos).

A construção do pertencimento a este ou aquele gênero se dá pela forma como são tratados, meninos e meninas, até pelas expressões de suas sexualidade que advêm dos padrões da sociedade em que estão inseridos. Estes padrões impostos, conhecido como heteronormatividade, são reproduções do que se crê ser o correto, e culturalmente imposto, iniciando pelas diferenças de sexo, denominando a mulheres determinadas funções, e a homens outras; muitas vezes esse conhecimento, ou essa aquisição social, é transmitida no ambiente escolar, é o que denominamos de relações de gênero, e saber dessas diferenças, desta imposições, e deter este conhecimento é fundamental para o desenvolvimento sadio da criança (BRASIL, 1998).

Por esses saberes entendemos que a legitimidade de abordagem dos temas relacionados à sexualidade e ao gênero se torna alvo de trabalho com urgência dentro da pedagogia *Queer*, por eles se tornarem padrões oriundos da forma como esses temas são tratados em sala de aula.

Sendo assim, se começar ofertar um currículo que aponte a inclusão de temas polêmicos, que desenvolva atividades que não reforcem apenas os conhecimentos construídos e pautados na ideia binária, com atividade e projetos que tragam as culturas existentes nos guetos como objeto de análise e de novas possibilidades válida de manifestação e com a inclusão do histórico da diversidade nos cânones oficiais e acadêmicos para assim iniciar-se uma nova fase.

Quando presenciamos o espaço escolar já notamos que os sujeitos nele inseridos estão separados, inicialmente por quem está dentro da escola (onde as atitudes devem ser uma) e por quem está fora da escola (onde há o imaginário de que possa ser feito de tudo), depois ocorre outras separações, os adultos das crianças, os maiores dos menores, meninas separados das meninas, ricos em um grupo e pobre em outro, depois disso vem à delimitação do espaço, sala dos professores (local restrito aos alunos), sala da equipe pedagógica, banheiro de meninos versus banheiro das meninas (FRAGELLI, 2008).

Nessa delegação do local onde cada um ocupa, professores e professoras detêm seus ambientes de atuação, ficando fortemente designado os seus posicionamentos enquanto formadores. A presença de um professor do sexo masculino no ciclo de alfabetização ou séries iniciais já é uma ruptura e manifestação da pedagogia *queer*, por se tratar de um espaço até então considerado apenas feminino, pode-se ir além a presença de um homem no ambiente escolar é de estranheza. “Não posso esquecer que os homens, agentes sociais produzidos pelas circunstâncias e pela educação são eles mesmos, os que modificam aquelas circunstâncias e a própria educação” (SANFELICE, 1998, p. 90).

Estes professores e professoras ao se apresentarem, fornecem padrões em seus corpos como, por exemplo, uma professora de cabelo curto e que não use saias no seu dia-a-dia ou um professor de cabelos longos e cacheados que use roupas de cultura afro-brasileira. A forma como eles apresentam os conteúdos, a relação que estabelecem com seus alunos e quais fundamentações usam nos seus discursos são de suma importância. Estas manifestações podem e devem ser questionadas como sugere Sanfelice (1998):

Por que, nas salas de aula, não se ensinou sempre os mesmos conteúdos? Por que não se utilizou sempre os mesmos métodos de ensino? Por que os conceitos de ensino e aprendizagem sofreram várias alterações através dos tempos? Por que os conceitos do que é ser professor ou aluno, também foram se transformando? Mais ainda: por que os objetivos pedagógicos visados pelas atividades desenvolvidas em sala de aula foram passando por explicitações teóricas e normativas tão diversificadas? Além de tudo, por que diferentes ideologias se fizeram portadoras de propostas pedagógicas para a sala de aula? (SANFELICE, 1998, p. 88).

Dentre as práticas possíveis existem aquelas que visam organizar os grupos como nomes “Grupo A e GRUPO B alternando a seleção em uma sequência e não como de costume, grupo de meninas e meninos, trabalhar com cores que não o rosa e o azul, mas o verde e o amarelo, propor nomenclatura de banheiros que não masculino e feminino, mas sim por cabines/banheiros 1, 2, 3, questionar e ampliar as discussões sobre as ilustrações durante as explicações de um conteúdo do livro didático. Todas essas também são práticas que atuam no sentido *queer* de ensinar.

O grande desafio está em criar ações que materializem os conceitos apresentados neste estudo. Uma proposta é que a escola possibilite momentos criativos e experienciados de aulas *Queers*.

Por que uma pedagogia *queer*? Para introduzir na pedagogia e na educação a dúvida e a incerteza em relação à norma disciplinar quanto aos saberes e aos corpos. Isto é, para dilacerar os limites do pensamento e pensar o impensável. Por que na escola? Porque na escola, em nome da racionalidade e da ciência, se produziu uma história de normalização, exclusão e violência em torno dos saberes, dos corpos e dos sujeitos. (CEZAR, 2010, p, 352)

Seguindo esse pensamento a escola deve se posicionar por meio de uma visão pautada no respeito, na laicidade e contra todo e qualquer preconceito ou discriminação. Exemplos disso são aulas, atividades que visem ações propositivas desde a compra de materiais e objetos que não sejam marcados por gêneros ou até mesmo cores até a forma como a orientação profissional se dá para as crianças possibilitando a reflexão utilizando-se das possibilidades, variedades e pluralidades.

Atividades essas que em que os estudantes percebam não apenas aquilo que é oferecido como legítimo, normal, sadio ou adequado para as pessoas só porque foi à forma encontrada e marcada historicamente pelos modelos.

Mora dentro dessas aulas e projetos compartilhados e interdisciplinares, diferentes padrões, visto que muitas vezes eles serão questionados, até serem legitimados por contemplar parte da sociedade que não se identifica apenas naqueles que são apresentados.

...Uma indagação sobre o acontecimento da diferença nas escolas pressupõe um conhecimento das disposições de professoras e professores, por não saberem mais as respostas, além do desejo de realizar novas perguntas. Esse movimento implica adentrar em territórios sem mapas, isto é, sem as conhecidas verdades sobre os sujeitos – o louco, o doente, o delinquente, a histérica, o homossexual, o transexual (CEZAR, 2010 p.361).

A escola deve incentivar o uso de diferentes linguagens como performances, trechos de vídeos, obras de arte, peças publicitárias, debates entre outras ferramentas que abordem as violências de gênero, machismos, cissexismos, Lgbtfobia e demais manifestações de preconceito e discriminação dentro dos ambientes escolares e na sociedade. Através delas, desestabilizar os cânones oficiais de gênero e sexualidade que são impostos dentro dos ambientes de aprendizagem. Bem como oferecer práticas que levem o aluno e

a aluna a refletir e construir suas relações com outro de maneira a perceber com tranquilidade a presença de mulheres dirigindo uma carreta cegonheira e homens exercendo a função de babá com tranquilidade. Ou seja, a presença de ambos os sexos nas mais diversas funções do cotidiano.

Às escolas cabe o papel de se posicionar frente às situações de violência, se indignar e questionar essas manifestações, ter claro a sua função enquanto instituição pública, formar sua equipe escolar, buscar parcerias com movimentos sociais sem se distanciar das suas atribuições, não se omitir enquanto representante do estado, fundamentando suas ações na responsabilização de atos de violência e dar os seus encaminhamentos legais, inibindo-as dentro de seus espaços. Cabe ainda à escola abrir um canal de atuação para que os jovens ajam de forma protagonista, por meio dos grêmios e demais grupos e movimentos a serem estimulados e principalmente empoderar aqueles e aquelas que ali frequentam de seus direitos enquanto cidadãos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas, segundo a pedagogia *Queer*, passariam a ver os sujeitos como parte do processo que compõe a cultura social, e não apenas como ele sendo um fruto dela. Isso ajudaria a compreender as ambiguidades contidas nos gêneros, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais. Isso faria com que todos e todas se apropriassem da construção da cultura, dos saberes e da educação para a contemporaneidade.

Professores e demais profissionais da educação fazem a suas contribuições quando acertadamente oferecem atividades que trabalhem com exemplos que choquem a visão cartesiana dos padrões. Com a abordagem e discussão, se constrói mais tolerância e integração. Trazer para o campo da pesquisa e análise personagens que transgridam os conceitos de gênero e sexualidades, não como modelo a ser seguido, mas como um exemplo de possibilidade existente.

Uma atividade possível e questionadora é o trabalho com a moda criada nos anos 70 que implantou as roupas unissex. Trabalhar o que historicamente vem sendo apontado como sendo masculino e feminino ao longo da história, e as contribuições que foram feitas para que esse termo fosse usado nesse contexto.

Outra atividade é propor que as filas e formas de organizar os grupos sejam diagramadas para contemplar as diferenças e diversidades. Nessas atividades prever a existências de alunos negros, de diferentes nacionalidades e não proporcionar o ocultamento dessas marcas sociais. Ao escolher atividades, cores, forma como conduz a divisão dos grupos buscar refletir como e quando elas reforçam as características dos grupos de meninos e meninas, e como o professor esta ensinando, por meio dessa pedagogia, reforços da postura mais *Queer*.

Em particular, como professor e em 15 anos de magistério, tenho visto muitas práticas que já são consideradas *Queers*, sem que colegas tenham consciência desta pedagogia. Isso se dá quando os educadores consideram as diferentes feminilidades e masculinidades apresentadas por alunos oriundos de novas educações familiares e diferentes formatos de família, ao considerar ainda a etnia, a classe social e diferentes concepções religiosas das crianças que chegam aos bancos escolares.

Quando professores e professoras planejam suas atividades considerando estes aspectos, bem como as diferentes sexualidades, já contribuem para uma oferta de educação mais equiparada e inclusiva e acolhedora fazendo com que a aula dê sentido frequentar estas instituições.

No demais a pedagogia *Queer*, na prática nada mais seria senão carregar suas marcas , assim como os corpos, para os contextos formadores e acadêmicos, para com naturalidade, se transformarem em cultura e por fim suavizar as marcas de violência institucional que se pratica ao apresentar modelos com os quais parte da sociedade não se reconhece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 351-362, nov. 2010. ISSN 1676-2592.

FRAGELLI, M.C.B.. **A educação enquanto prática transgressora: Pressupostos e possibilidades da teoria queer**. Monografia. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. 2008."

LOURO, G. L. **Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001 .< <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em 27 Jan. 2016.

NINO, A.; PIVA, P.J.L.. **O cotidiano escolar e os impactos da teoria queer face à pedagogia heterossexista**. In Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.7, p.501-505 – 1º sem. 2013."

RODRIGUES, Gabriela de Andrade. **Pedagogias queer e libertária para educação em cultura visual**. Educ. Pesqui., São Paulo , v. 36, n. 3, p. 735-745, Dec. 2010 Disponível em:. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000300006>>. Acesso: 27 Jan. 2016.

SANFELICE, J. **Sala de Aula: Intervenção no real**. in MORAIS, Regis de (Org). **Sala de Aula: que espaço é esse?** Papirus, Campinas-SP 3ºEd, 1998.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.